

ISAAC ASIMOV

OS GREGOS



A TRAJETÓRIA DE UM POVO QUE MOLDOU A CULTURA OCIDENTAL

 Planeta minotauro

COLEÇÃO HISTÓRIA UNIVERSAL ISAAC ASIMOV

ISAAC ASIMOV

OS GREGOS

Tradução do espanhol
Luis Reyes Gil



Copyright © Asimov Holdings LLC. World rights reserved and controlled by Asimov Holdings LLC.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Luis Reyes Gil
Todos os direitos reservados.

Título original: *Los Griegos:
Una Gran Aventura*

Preparação: Renato Ritto

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e
Carmen T. S. Costa

Projeto Gráfico: Marcela Badolatto

Diagramação: Nine Editorial

Capa e ilustração de capa: Paula Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Asimov, Isaac

Os gregos / Isaac Asimov; tradução de Luis Reyes Gil. – São
Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
368 p.

ISBN 978-65-5535-643-4

Título original: Los griegos: Una gran aventura

1. Grécia – História 2. História antiga I. Título II. Gil, Luis Reyes

22-0937

CDD 938

Índice para catálogo sistemático:
1. Grécia - História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

1. A ERA MICÊNICA	6
2. A ERA DO FERRO	18
3. EXPANSÃO COLONIAL.....	36
4. A ASCENSÃO DE ESPARTA	54
5. A ERA DOS TIRANOS	66
6. O SURGIMENTO DE ATENAS.....	80
7. ÁSIA MENOR.....	98
8. A GUERRA COM A PÉRSIA.....	110
9. A ERA DE OURO	138
10. A GUERRA DO PELOPONESO.....	158
11. A HEGEMONIA DE ESPARTA.....	180
12. A DECADÊNCIA	200
13. MACEDÔNIA	218
14. OS SUCESSORES DE ALEXANDRE.....	244
15. O CREPÚSCULO DA LIBERDADE	264
16. AS MONARQUIAS HELENÍSTICAS	278
17. ROMA E CONSTANTINOPLA	294
18. O IMPÉRIO OTOMANO.....	312
CRONOLOGIA	330
ÍNDICE ONOMÁSTICO	344

1.

A ERA MICÊNICA

Na borda sul oriental da Europa, adentrando o mar Mediterrâneo, há uma pequena península que chamamos de Grécia. É montanhosa e árida, com uma linha costeira denteada e pequenos cursos d'água.

Ao longo de toda a sua história, a Grécia sempre foi rodeada por Estados maiores, mais ricos e mais poderosos. Quando consultamos um mapa para compará-la com seus vizinhos, parece pequena e sem importância.

No entanto, não há terra mais famosa do que a Grécia; nenhum povo deixou na história uma marca tão profunda quanto os gregos.

Esse povo, que viveu há vinte e cinco séculos, escreveu relatos fascinantes sobre os próprios deuses e heróis, e relatos ainda mais incríveis sobre si mesmos. Construíram belos templos, esculpiram estátuas maravilhosas e escreveram peças de teatro magníficas. Produziram alguns dos maiores pensadores que o mundo já teve.

As modernas ideias que temos de política, medicina, arte, teatro, história e ciência remontam a eles. Ainda lemos os escritos, estudamos a matemática, refletimos a respeito da filosofia e contemplamos, assombrados, ruínas e fragmentos dos belos edifícios e estátuas dos gregos.

Toda a civilização ocidental descende diretamente da obra deles, e a história de seus triunfos e desastres nunca perdeu o fascínio.



Figura 1: A Grécia micênica.

CNOSSOS

Já bem antes de 2000 a.C., tribos de povos de fala grega começaram a se deslocar para o sul a partir do noroeste da península Balcânica, ocupando a terra que mais tarde seria a atual Grécia. Naquele tempo, as tribos gregas ainda elaboravam ferramentas de pedra, pois o uso do metal não havia se desenvolvido. Mas ao sul da península ficava a ilha de Creta.

Creta, com uma superfície de mais ou menos 8.300 quilômetros quadrados, era muito mais importante naqueles tempos remotos do que se poderia supor por seu tamanho. Por volta de 3000 a.C., seu povo usava o cobre e havia começado a construir bons navios.

Rodeadas pelo mar, as cidades cretenses precisaram desenvolver a navegação para conseguir estabelecer um mercado com os povos das costas continentais do sul e do leste. Como era necessário proteger os navios que realizavam esse comércio, construíram também uma frota de guerra, o que transformou Creta na primeira potência naval da história.

Por volta de 2000 a.C., a ilha se uniu em uma monarquia forte. Durante séculos, a frota naval armada protegeu-a contra possíveis invasões. As cidades da ilha prosperaram e não foi preciso erguer muralhas para defesa delas. Os governantes construíram luxuosos palácios, organizaram grandes festas com elaborados rituais – entre os quais, os combates taurinos – e criaram belas obras de arte, que ainda podemos ver e admirar nos museus.

Os gregos de épocas posteriores guardaram uma recordação obscura dessa antiga terra que dominava os mares ao chegar à Grécia. Em seus mitos, falavam de um poderoso rei Minos, que em tempos passados governara Creta.

Por um longo tempo, os historiadores pensaram que isso não passasse de lenda, mas no início de 1893 o arqueólogo inglês Arthur John Evans realizou uma série de escavações em Creta e descobriu os restos sepultados da grande civilização que existira havia milhares de anos.

Em particular, encontrou os restos de um magnífico palácio no local da antiga cidade de Cnossos, que se supunha ter sido governada pelo rei Minos. Por isso, o período de grandeza de Creta foi chamado de Era Minoica: em homenagem ao maior de seus reis. Essa era se estende do ano 3000 a.C. até cerca de 1400 a.C.

A civilização cretense expandiu-se pelas ilhas do Egeu em direção ao norte, e chegou à terra firme europeia. Quando as tribos gregas aprenderam as lições de civilização dos cretenses, tornaram-se mais poderosas, criaram as próprias cidades, cada vez maiores, e começaram a comerciar com seus vizinhos. Mas os gregos sempre tiveram que estar preparados para enfrentar as invasões de tribos ainda não civilizadas procedentes do norte, e por isso rodearam suas cidades de grandes muralhas.

A parte mais meridional da Grécia é a mais próxima de Creta, e por isso foi a que sofreu maior influência civilizadora. Essa região fica quase toda separada do resto da Grécia por um estreito braço do mar Mediterrâneo, e unida ao resto da Grécia por uma estreita faixa de terra ou istmo de mais ou menos 32 quilômetros de largura e, em alguns pontos, apenas seis quilômetros.

Essa península meridional era chamada, na Antiguidade, de Peloponeso, que significa “a ilha de Pélops” (pois é quase uma ilha), já que se acreditava que em tempos primitivos havia sido governada por um lendário rei chamado Pélops.

No nordeste da península havia três cidades importantes: Micenas, Tirinto e Argos. Mais ou menos 65 quilômetros ao sul dessas três cidades encontra-se Esparta, e trinta quilômetros ao norte, Corinto. Na costa ocidental do Peloponeso ficava a cidade de Pilos. Corinto localizava-se exatamente no extremo sudoeste do istmo, que, por essa razão, recebe o nome de istmo de Corinto. O braço de mar ao norte do Peloponeso é o golfo de Corinto.

A nordeste do istmo ficavam Atenas e Tebas, mas naqueles dias essas cidades próximas ao Peloponeso eram relativamente pequenas e sem importância.

À medida que foram se fortalecendo, cresceu a insatisfação dos gregos continentais com a dominação exercida por Creta, até que eles se rebelaram contra ela. Não conhecemos os detalhes da revolta, mas os gregos de épocas posteriores conservavam a lembrança de um herói ateniense, Teseu, que pôs fim ao tributo que Atenas pagava a Creta.

Os gregos conseguiram derrotar a armada de Creta e puseram fim aos muitos séculos de domínio cretense sobre a terra firme. Receberam a ajuda de um desastre natural, provavelmente um terremoto, que destruiu Cnossos por volta de 1700 a.C. Finalmente, em cerca de 1400 a.C., os gregos atacaram Creta, tomaram Cnossos e destruíram o palácio, que mais tarde foi reconstruído. Creta, no entanto, jamais recuperou seu poder.

A língua cretense ainda não foi decifrada, por isso não podemos ler textos encontrados nela. Há vários tipos de escrita cretense. As mais antigas, usadas antes de 1700 a.C., eram pictográficas. Posteriormente, os cretenses usaram uma escrita essencialmente formada por linhas onduladas irregulares (como nossa escrita manuscrita). A primeira variedade dessa escrita linear recebeu a denominação de “Linear A”. A variedade posterior, usada à época da destruição de Cnossos, é a “Linear B”.

Em 1953, o arqueólogo inglês Michael Ventris conseguiu decifrar a Linear B e descobriu que se tratava de uma forma do grego. Ou seja, embora os cretenses não usassem o alfabeto grego, as palavras eram gregas.

Os documentos decifrados, escritos em Linear B, consistem em inventários, receitas, instruções para o trabalho etc. Não há grandes obras de arte, ciência ou história. Mas mesmo os memorandos comerciais mais triviais elucidam a vida cotidiana de homens e mulheres, e são muito bem-vindos pelos historiadores. Os detalhes da sociedade minoica ficaram um pouco mais claros graças ao trabalho de Ventris.

Além disso, mostram que a influência dos gregos continentais se difundiu quando Cnossos era ainda uma potência. Os comerciantes

gregos provavelmente já tinham se estabelecido em terra, de modo que os navios gregos acabaram assumindo aos poucos o comércio, até os cretenses perderem o domínio da própria ilha. A destruição de Cnossos pôs fim, portanto, a algo que já estava em decadência.

MICENAS E TROIA

A influência dos gregos continentais continuou crescendo. A cidade mais poderosa da época era Micenas, e por isso o período da história grega compreendido entre 1400 e 1100 a.C. é chamado de Era Micênica.

As frotas micênicas espalharam-se para comerciar pelo mar Egeu e costumavam levar colonos ou guerreiros para estender a influência que tinham, fosse de forma pacífica, fosse violenta. Apossaram-se totalmente de Creta no ano de 1250 a.C. e se estabeleceram na ilha de Chipre, a nordeste do Mediterrâneo e a mais ou menos quinhentos quilômetros a leste de Creta. Chegaram até o mar Negro, a nordeste do Egeu.

Os gregos de eras posteriores consideravam a Era Micênica um período heroico, no qual grandes homens (supostamente filhos de deuses) realizaram impressionantes façanhas. A primeira viagem dos gregos no mar Negro está descrita na história de Jasão, que navegou para o nordeste no navio *Argos*, impulsionado por cinquenta “argonautas” remadores. Depois de superar grandes perigos, tal navio chegou ao extremo oriental do mar Negro para arrebatar o “velocino de ouro”, que bem poderia ser a forma novelesca que usaram para denominar o que os argonautas procuravam de fato, que não era outra coisa além da riqueza oferecida por uma expedição comercial bem-sucedida.

Para entrar no mar Negro, os navios micênicos precisavam atravessar estreitos apertados. O primeiro deles era o Helesponto, que

em tempos modernos recebeu o nome de estreito de Dardanelos. Em alguns lugares, tem apenas 1,5 quilômetro de largura.

O Helesponto dá acesso à Propôntida, pequeno estreito cujo nome significa “antes do mar”, pois ao atravessá-lo em qualquer das direções ganha-se acesso a um grande mar. A Propôntida logo se contrai e forma um segundo estreito, o Bósforo, que em alguns pontos tem apenas oitocentos metros de largura. Só depois de se atravessar o Bósforo é que se penetra no mar Negro propriamente dito.

Qualquer povo que dominasse os estreitos do Helesponto e o Bósforo estava em condições de controlar o rico comércio do mar Negro. Poderia cobrar pedágios pela passagem e até impor pesados tributos.

Nos tempos micênicos, essa região era governada pela cidade de Troia, situada na costa asiática, no extremo sudoeste do Helesponto. Os troianos enriqueceram e se tornaram poderosos graças ao comércio do mar Negro, e os gregos micênicos estavam cada vez mais descontentes com tal situação. Por fim, decidiram apoderar-se dos estreitos à força; por volta de 1200 a.C. (1184 a.C. é a data que os gregos costumavam considerar em épocas posteriores), um exército grego sitiou Troia e, por fim, a destruiu.

O exército grego, segundo a tradição, era liderado por Agamenon, rei de Micenas e neto daquele Pélops que dera nome ao Peloponeso.

Alguns episódios desse sítio foram relatados (ou aprimorados) por um poeta que a tradição trata pelo nome de Homero e que viveu e escreveu por volta de 850 a.C. O longo poema épico intitulado *Ilíada* (de Ílion, um outro nome da cidade de Troia) relata a história da disputa entre Agamenon, chefe do exército grego, e Aquiles, o melhor de seus guerreiros.

Outro poema, a *Odisseia*, supostamente também de Homero, narra as aventuras de Odisseu (ou Ulisses), um dos guerreiros gregos, durante os dez anos em que perambulou após o término da guerra.

Tal é a grandeza dos poemas homéricos que sobrevivem até hoje e foram lidos e admirados por todas as gerações posteriores a Homero.

São considerados não só as primeiras produções literárias gregas, mas também as maiores.

O relato de Homero é recheado de acontecimentos sobrenaturais. Os deuses intervêm constantemente no decorrer das batalhas e às vezes até participam dos combates. Até um século atrás, os estudiosos modernos consideravam os poemas homéricos meras fábulas. Tinham certeza de que a cidade de Troia jamais existira de fato e que não houvera sítio algum. O consenso era que tudo aquilo havia sido uma invenção e um mito criado pelos gregos.

No entanto, um jovem alemão chamado Heinrich Schliemann, nascido em 1822, leu os poemas homéricos e ficou fascinado. Tinha certeza de que contavam uma história verdadeira (exceto no que se referia aos deuses, obviamente). O sonho dele era escavar o local em que, segundo a *Iliada*, havia existido Troia e encontrar a cidade descrita por Homero.

Dedicou-se aos negócios e trabalhou arduamente a fim de reunir os recursos de que precisava para realizar a investigação, além de estudar arqueologia para dominar os conhecimentos necessários. Tudo correu conforme o planejado. Ficou rico, estudou arqueologia e também a língua grega e, em 1870, partiu para a Turquia.

Na região noroeste de tal país havia uma pequena aldeia que era seu objetivo, pois o estudo que fizera da *Iliada* o convencera de que os montículos próximos a ela cobriam as ruínas espalhadas da antiga cidade.

Começou as escavar e descobriu as ruínas não só de uma cidade, mas de uma série de cidades, uma por cima da outra. Comparou a descrição da *Iliada* com uma delas e hoje não há dúvidas de que Troia existiu de fato.

Em 1876, Schliemann iniciou escavações similares em Micenas e descobriu vestígios de uma poderosa cidade com grossas muralhas. Graças ao seu trabalho, boa parte do conhecimento sobre a época da guerra de Troia foi resgatada.

ARGIVOS E AQUEUS

Em seus poemas, Homero usa duas palavras para se referir aos gregos: argivos e aqueus. Evidentemente, trata-se de nomes tribais. O governo de Agamenon centralizava-se nas cidades de Micenas, Tirinto e Argos. Nos tempos de Homero, Argos era a mais poderosa das três, portanto era natural que o poeta considerasse Agamenon um argivo.

Embora Agamenon tenha comandado o exército grego, não governava todos os gregos como rei absoluto, pois as outras regiões tinham os próprios monarcas. Os outros reis, entretanto, em particular os do Peloponeso, concediam primazia a Agamenon. A cidade de Esparta era governada por Menelau, irmão de Agamenon. Além disso, foi o próprio Agamenon que forneceu navios às cidades do interior do Peloponeso, que, por não possuírem acesso ao mar, não dispunham de navios próprios. O termo “argivos”, portanto, talvez se referisse a todos os habitantes do Peloponeso.

Mas e os aqueus? Cerca de oitenta quilômetros ao norte do golfo de Corinto, há um trecho da costa egeia que forma a parte mais meridional de uma grande planície, habitada antigamente pelos aqueus. Jasão era aqueu, segundo a lenda, e Aquiles também.

Ao que parece, os aqueus não eram tão submissos a Agamenon quanto os argivos do Peloponeso. Aquiles brigou com Agamenon e, altivamente, retirou-se do combate por sentir que seus direitos não estavam sendo respeitados. Agiu, portanto, como se fosse um aliado independente, e não um subordinado.

Os aqueus, instalados bem mais ao norte do que os argivos, haviam sido menos expostos à influência civilizadora de Creta e eram, portanto, mais selvagens. Aquiles é descrito como um homem colérico, que não hesitava em abandonar seus aliados após um ataque de fúria. Mais tarde, quando o inimigo desperta de novo sua ira, lança-se em batalha de maneira ainda mais feroz.

Os membros de uma das tribos aqueias chamavam-se “helenos” porque a região em que viviam era a “Hélade”. Embora sejam mencionados apenas casualmente em um verso da *Iliada*, provavelmente isso já constitui um primeiro indício da florescente importância dos aqueus, que acabaram se difundindo até abranger a Grécia inteira. Ao longo de toda a história, desde a Era Micênica, os gregos chamam a própria terra de Hélade e a si mesmos de helenos (hoje, inclusive, o nome oficial da moderna Grécia é Hélade).

As palavras “Grécia” e “grego”, que usamos hoje, foram herdadas dos romanos. O que ocorreu foi que um grupo de helenos emigrou para a Itália algum tempo depois do Período Micênico (a parte mais meridional da Itália é separada da Grécia norte-ocidental por uma extensão de mar de apenas cinquenta quilômetros). Os membros da tribo que emigrou para a Itália autodenominavam-se *graikoi*, que na língua latina dos romanos acabou virando *graeci*. Os romanos aplicaram esse nome a todos os helenos, pertencessem eles ou não à tribo dos *graikoi*. Em português, a palavra virou “gregos”.

Os estudiosos da história grega também empregam o termo mais antigo. Assim, por exemplo, o período mais primitivo da história grega, até pouco depois da guerra de Troia, é denominado Período Heládico. O que venho chamando aqui de Era Micênica, portanto, pode também ser chamado de Período Heládico Tardio.